



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'O Corpo Impossível. A Decomposição da Figura Humana de Lautréamont a Bataille', de Eliane Robert Moraes]

Mário Avelar

Para citar este documento / To cite this document:

Mário Avelar, "[Recensão crítica a 'O Corpo Impossível. A Decomposição da Figura Humana de Lautréamont a Bataille', de Eliane Robert Moraes]", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 283-284.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

de referências, redizer, quanto como forma de ler, pela qual a personagem assinala sua rutura com o cotidiano anódino ou para o qual não está preparada.

Silvia Ostuzzi invoca Virginia Woolf (*moments of being*) e Barthes (*forces de liberté*) para tratar do enlevo, estágio que tira a pessoa da rotina e aproxima mulheres, animais, frutas, etc., o que repercute na escrita. Estuda três momentos em que a experiência fugaz e intensa se instala: a imersão no mar, a conexão entre uma mulher e uma barata ou um búfalo, e o encantamento com rosas selvagens. Lúcia Cherem, por sua vez, relata a experiência de leitura usando um conceito em certo sentido complementar ao de enlevo: o sobressalto, estado emocional e físico que confronta o inesperado, que se dá já no contato com a literatura da autora. Os textos escolhidos estão na zona limítrofe entre vida e morte, podendo ser a atração mortal de uma criança por um pinto; a visão de um rato morto; a separação entre a filha e sua velha mãe. O livro encerra com Arnaldo Franco, que elege um tema que logo se destacou na ficção de Clarice: a relação entre homem e mulher, marcada pela dominação masculina, o que de certo modo conduz ao começo do livro e à trajetória de uma escritora que foi dona de casa exemplar, mas que carregou consigo um pesado sentimento de nunca ter achado o seu lugar ou ter vislumbrado a vida digna para todos: «Nada do que eu já fiz me agrada. E o que eu fiz com amor, estraçalhou-se. Nem amar eu sabia, nem amar eu sabia. E criaram o Dia dos Alfabetos. Só li manchete, recusei-me a ler o texto.» Esse sucinto apanhado do livro mostra tanto a riqueza da literatura de Clarice Lispector quanto as múltiplas possibilidades de leitura oferecidas por cada um dos ensaístas.

Clarisse Fukelman

Eliane Robert Moraes

O CORPO IMPOSSÍVEL

A DECOMPOSIÇÃO DA FIGURA HUMANA

DE LAUTRÉAMONT A BATAILLE

São Paulo, Editora Iluminuras / 2012

Quando Cristofano Allori, por volta de 1613, abordou numa tela a narrativa de Judite e Holofernes, optou pela representação convencional em que a jovem, acompanhada de uma serva, segura pelos cabelos a cabeça do general assírio. No entanto, alguns detalhes biográficos introduzem uma ironia particular nesta tela, pois o rosto de Judite será inspirado no de Mazaffira, a bela namorada que o havia abandonado, e o da serva corresponderá ao da mãe desta; já Holofernes será... um autorretrato. A representação deste episódio narrado no «Deuteronomio» participa de uma tradição figurativa de desmembramento do corpo que no Modernismo ascenderá a um estatuto algo epistêmico através da personagem de Salomé. Esta mudança deve-se em parte à denegação da dimensão ficcional que, apesar da ironia autobiográfica, persiste no quadro de Allori, e à sua inserção numa nova modalidade de representação radicalmente ancorada no real.

É sobre esse salto epistemológico que Eliane Robert Moraes estrutura uma reflexão fascinante em *O Corpo Impossível*, obra inspirada na sua dissertação de doutoramento em Filosofia. Porque da representação do corpo se trata, o signo visual é objeto de um destaque óbvio nesta obra, projetando-se numa generosa exibição de fontes icônicas. O seu contributo para uma compreensão da dimensão polifônica da modernidade decorrerá, por seu turno, da ênfase prestada à interação entre essas fontes e os novos trajetos de escrita que irão culminar no Modernismo.

O tópico que funciona como impulso para esta reflexão sobre um arco temporal dilatado — da segunda metade do sécu-

lo XVIII às primeiras décadas do século XX —, e como seu eixo nuclear, é o da fragmentação do corpo. O percurso proposto pela autora, que se irá desenrolar ao longo de nove capítulos, inicia-se em finais de Setecentos com uma reflexão em torno de uma peculiaridade da revolução francesa, os retratos dos guilhotinados e o museu da guilhotina, os quais são associados ao tema da «perda da cabeça». Será a partir deste tema que emerge o mito de Salomé, aqui analisado no âmbito mais alargado da sua revisão irónica por parte de Heine num poema intitulado «Atta-Troll» (29), na sua reavistação posterior, no plano dramático, por parte de Oscar Wilde (31) e, no plano visual, em particular, pelas ilustrações de Beardsley e pela figuração de Gustave Moreau (28). O impacto desta última no Salão de 1876 leva Eliane Moraes a identificá-la como epítome de uma época (30), sinalizando dois traços que, sob diferentes perspetivas, percorreriam a modernidade: a sensualidade (33) e, simbolicamente, a denegação do olhar (36).

A ênfase neste mito não significa, porém, que a autora a ele restrinja a sua análise. Com efeito, Eliane Robert Moraes procede a uma abertura tópica que será mais adiante ampliada através de outras vozes, que, embora indiretamente, com ele dialogarão, assim contribuindo para a identificação da tal polifonia da modernidade. Assume particular relevância neste contexto o segundo capítulo, onde a autora convoca *Os Cantos de Maldoror*, de Isidore Ducasse, texto que, devido às estratégias de colagem, à consequente ênfase no acaso a nível sintático e ao exercício da disjunção (45-46, 51), antecipa muitas das ruturas modernistas. De referir, aliás, a forma como a autora faz emergir esta obra no diálogo com Kafka, via Bachelard (86) e com Magritte (175).

Igualmente de acentuar a sua reflexão em torno dos percursos distintos que se

abriram no Modernismo francês, tendo como eixo Breton e Bataille — «o ideólogo» e «o filósofo» (156) —, e dos instrumentos conceptuais estruturantes dos seus discursos — a similitude (83) e o labirinto (220). Deste modo, é possível identificar as subtilezas e modalidades que habitam o Surrealismo, e a sua articulação com uma memória histórica; daí a pertinente presença do tópico do fantasma (66, 104, 194) e de um passado arcaico egípcio (183-84), fulcrais, por exemplo, para a leitura desse signo da crueldade e destruição (164) que é a estética fascista (216), instante seminal de uma «racionalização da crueldade» (53).

De facto, a grande virtude de *O Corpo Impossível* consiste na abordagem sistemática e exaustiva de uma das tradições que irão culminar na pluralidade de discursos e de estéticas a que chamamos Modernismo, e que nele coexistem em tensões nem sempre evidentes.

Provavelmente vencida pela paixão do seu argumento, a autora refere-se a essa tradição por ela analisada como «a estética modernista» (167). Ora, como sabemos, esta é apenas uma face das muitas que então emergem; basta considerarmos, por exemplo, a especificidade do Modernismo anglo-saxónico — também ele um objeto plural — e aquilo que o distancia do Futurismo. De igual modo, o caminho escolhido e, reiterado, percorrido com inteligência e rigor não esgota os tópicos que participam ou irradiam do tema em análise. Veja-se o caso do grotesco, que, por si só, poderia ser objeto central de reflexão e que, neste caso, apenas duas vezes é aflorado (203 e 212).

Estas são, todavia, breves sinalizações que, de forma alguma, questionam a evidente relevância da obra de Eliane Moraes e o prazer que constitui a sua leitura.

Mário Avelar